

**AS FEIÇÕES POLISSÊMICAS
DA UNIDADE LEXICAL BANDEIRA:
UM ESTUDO DIACRÔNICO COM BASE LEXICOGRÁFICA**

Rayne Mesquita de Rezende (UFG)

raynemesquita@hotmail.com

Maria Helena de Paula (UFG)

mhpcat@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva versar sobre o percurso diacrônico dos processos de polissemantização da unidade lexical “bandeira”, que pode significar desde uma unidade de medida, até um conjunto de ações em prol de determinada causa (no âmbito da fraseologia). Para este fim, utilizaremos como corpora os registros trazidos para o referido item lexical em instrumentos lexicográficos de variada tipologia: dicionários gerais da língua portuguesa (BLUTEAU, 1712-1728; MORAIS SILVA, 1813; FREIRE, 1944; FERREIRA, 1975; AULETE, 2011) e dicionários etimológicos Nascentes (1955) e Cunha (2010). Quanto aos acervos de teor regionalista, faremos uso do vocabulário de Amaral (1920) e do *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia*, de Ortêncio (2009), a fim de traçar um paralelo entre os sentidos conferidos a um lexema registrado através do labor lexicográfico e os contextos sócio-histórico, geográfico e cronológico vigentes em uma comunidade linguística. Como aporte teórico, partimos dos postulados de Pottier (1978), Biderman (1984a; 1984b; 2001) e Vilela (1994).

Palavras-chave: Unidade lexical. Polissemia. Diacronia. Acervos lexicográficos.

1. Notas introdutórias

Com o fito de discorrer sobre o processo de plurissignificação que ocorre em considerável frequência e quantidade com algumas unidades lexicais da língua, neste caso em especial, a variante brasileira da língua portuguesa, é que traçaremos de forma genérica o percurso semântico-lexical da unidade *bandeira*.

A seleção desta unidade se assenta no fato de a mesma apresentar uma gama variada de significados, com que nos deparamos ao longo de nossas pesquisas no âmbito da lexicografia e da variação diatópica em nível lexical. Em sua gênese, o significado de *bandeira* remete a um tipo de estandarte, mas se estendendo, posteriormente, desde unidades de medida a processo histórico (colonização/povoamento do interior Brasil), uma gafe, entre tantos outros.

Sendo nosso objetivo investigar como uma unidade lexical, se reveste de determinados significados através do tempo buscamos nos acervos lexicográficos a base para a composição do *corpus* de estudo, visto que nos dicionários “[...] organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua” (BIDERMAN, 2001, p. 131) é que permanecem registrados os usos lexicais de uma comunidade.

Por meio desses registros, detectamos as configurações socioculturais de um grupo de falantes, pois é no léxico “[...] parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade” (VILELA, 1994, p. 6) que vemos refletir de modo mais perceptível tudo o que diz respeito a uma estrutura social.

Trata-se, ainda, de um estudo *diacrônico*, que compreendemos como um conjunto capaz de explicar a evolução da língua baseada no estudo do caráter dos fenômenos linguísticos ao longo do tempo (DUBOIS et al., 2006).

Em se tratando das alterações semânticas³⁶ sofridas pelos significados das unidades lexicais, que podem se expansivas, ou retrativas, remonta-se imediatamente à diacronia enquanto um todo formado por um encadeamento de sincronias, pois essas mudanças se processam em um eixo temporal consoante as acepções contextuais vigentes em determinado estado da língua (BORBA, 2003).

Assim, tomamos como ponto de partida a definição da unidade lexical *bandeira* apresentada por Bluteau (1712-1728) no *Vocabulário*

³⁶De acordo com Borba (2003), os processos semânticos de *expansão* e *retração* caracterizam a circulação do léxico. Assim, a expansão abrange a *renominação*, em que um mesmo referente recebe diversos nomes, e é voltada para a variação em nível lexical; a *polissemia*, que se traduz na multiplicação das acepções para uma mesma *unidade lexical*, volta-se para a variação em nível semântico. A *retração*, por sua vez, se resume na redução das acepções das *unidades lexicais*, motivada pela perda de alguns de seus traços sêmicos.

Portuguez e Latino, bilíngue (português-latim) considerado entre os melhores dicionários de português antigos (BIDERMAN, 1984a). Perpassamos por mais quatro dicionários gerais de língua portuguesa, com o intuito de observar por meio das acepções registradas as alterações, manutenção de significados e extinção de alguns compreendendo um recorte de 299 anos, abrangendo três séculos.

Para tal feito, os dicionários escolhidos foram – *Dicionário da Língua Portuguesa*, segunda edição da obra de Morais Silva (1813); o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Freire de (1939 -1944); o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Ferreira (1975) e o *Novíssimo Aulete – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Aulete (2011). Deste modo, as obras do tipo³⁷ geral selecionadas recobrem uma diacronia de praticamente 300 anos, abrangendo três séculos/ sincronias.

No que tange à inserção dos acervos de tipo parcial, primeiramente os etimológicos, os quais figuram o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Nascentes (1955) e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Cunha (2010), advém, da necessidade de confirmarmos as origens da unidade lexical *bandeira* em acervos especializados para este fim.

Quanto aos de teor regionalista, o *Vocabulário*, parte integrante de *O Dialeto Caipira*, de Amaral (1920) e o *Dicionário do Brasil Central – Subsídios à Filologia*, de Ortêncio (2009), devem-se ao fato da investigação da variação diatópica em nível lexical ser uma das nossas frentes de pesquisa, bem como o propósito de investigarmos a situação dos significados registrados nos acervos gerais e parciais, em consonância com o contexto sociocultural e temporal em que são recolhidos.

³⁷ A classificação tipológica dos acervos lexicográficos utilizados é consoante à postulada por Hensch (1982), que o faz baseado em duas perspectivas. A primeira é de ordem *teórico-linguística*, em que classifica como *thesauri* os acervos que têm a pretensão de registrar, de modo *geral*, todas as *unidades lexicais* da língua e as denomina de *parciais*: os que objetivam fazer o registro de *unidades lexicais* recorrentes em subsistemas menores, frações dentro do sistema maior (língua), a exemplo dos dicionários de regionalismos. Já a segunda classificação funda-se na *organização prática de obras lexicográficas*, levando em conta os critérios: (i) formato e extensão da obra; (ii) se será de natureza linguística, enciclopédica, ou mista; (iii) número de línguas; (iv) seleção do léxico – geral ou parcial; (v) critérios cronológicos; (vi) finalidades dos dicionários; (vii) modo tradicional ou eletrônico. Cabe ressaltar que a designação terminológica adotada para os tipos de instrumentos lexicográficos, que foram nosso material de observação, teve como fundamento a segunda conjuntura de critérios - *organização prática de obras lexicográficas*, especialmente o item (iv).

2. A unidade lexical e seus vários significados: aspectos da polissemantização

A língua, metassistema de caráter plural e multifacetado, verbaliza no ato linguagem os conceitos que descrevem, organizam e classificam os seres, objetos e ações corriqueiras no âmbito extralinguístico, ao designá-los por meio dos signos linguísticos. Estes compreendem a forma designadora/nome e o significado/sentido, que representando a substância conceptual e ordenada em uma conjuntura estabelece os traços distintivos entre um signo e outro.

Então, partindo da direção semasiológica, do signo/nome/unidade lexical para o conceito/significado/sentido constatamos, sem nenhum esforço, que, frequentemente, uma mesma unidade lexical é capaz de remeter a uma infinidade de coisas concretas, abstratas, sentimentos e comportamentos. No nível semântico da língua, incide uma série de fenômenos que têm sua origem dentro da própria estrutura linguística e também fora dela, dentre os quais se situa a *polissemia*, que consiste em: “Relação de variação semântica de uma unidade lexical em que as variantes de conteúdo podem estar unidas por uma relação de extensão ou de especialização semântica, de transformação semântica, metonímica e/ou metafórica” (LOPES; RIO-TORTO, 2007, p. 87).

Neste sentido, compreendemos o que difere a *polissemia* de outro fenômeno da esfera semântico-lexical e de que, com frequência, decorre certa confusão, a homonímia. No caso da primeira, existem no significado das unidades lexicais semas específicos em comum, que dão origem por meio das metáforas e extensões de sentido aos novos significados, mantendo, como se pode observar, o traço semântico principal de seu conceito-base.

Quanto à *homonímia*, as semelhanças se restringem somente à forma “[...] identidade fônica e gráfica entre as unidades, mas sem nenhuma relação cognitiva e semântica entre os significados” (LOPES; RIO-TORTO, 2007, p. 42).

Frente ao exposto e após o cotejo realizado entre os instrumentos lexicográficos em questão, observamos, de modo geral e não nos restringindo somente ao item em tela, que as unidades lexicais apresentam um significado primitivo, ao qual com o passar do tempo, por meio dos processos supracitados, vão sendo acrescentados novos significados e sentidos, constituindo o que entendemos e denominamos como processo de *polissemantização*.

Não por acaso, as acepções registradas nos acervos aumentam seu número gradativamente, conforme a mudança de sincronia observada em uma conjuntura diacrônica maior; logo, “[...] quanto mais usada e antiga for uma palavra na língua, tanto maior costuma ser a pluralidade dos seus significados” (BIDERMAN, 1984b, p. 142). Portanto, na proporção tempo/quantidade de definições detectamos um aumento notável no número de significados elencados.

Os dicionários gerais trazem os números de definições para o lema *bandeira* sucessivamente: Bluteau (1712-1728), nove; Morais Silva (1813), onze; Freire (1939-1944), vinte e quatro; Ferreira (1975), trinta e quatro e Aulete (2011), trinta e sete. Os parciais, por focarem apenas no registro regional e considerando que um deles é um vocabulário, apresentando naturalmente uma quantia menor porque mais simplificada de acepções, temos uma acepção em Amaral (1920) e treze em Ortêncio (2009).

Todavia, antes de partirmos para os significados atribuídos a unidade lexical *bandeira*, julgamos ser interessante averbar brevemente sobre sua etimologia, posto que a origem de um item léxico possa contribuir para o entendimento dos traços que lhe foram e são delegados em certo momento histórico por uma comunidade linguística.

Assim, deixamos de lado provisoriamente os acervos parciais que não listam nenhuma informação acerca da etimologia da unidade lexical investigada. Nossas constatações se fundam no que fora arrolado nos dicionários etimológicos e nos gerais.

Nascentes (1955) apresenta três possíveis origens para *bandeira*; (i) *-banda-* como derivado do radical germânico; (ii) derivado do francês *bannèire*, que se transformou em *banna*; (iii) derivado do gótico *bandwa* e finalmente do espanhol, *bandera*. Cunha (2010, p. 79) por sua vez aponta: “Talvez do cat. *bandera*, deriv. do got. *bandwo* ‘signo’ que passaria a designar o estandarte distintivo de um grupo [...]”.

Entrementes, notam-se algumas divergências entre a origem da unidade lexical entre os lexicógrafos e dicionaristas. Bluteau (1712-1728) remete ao alemão – *bannier*; Morais Silva (1813) ao italiano – *bandiera*; Freire (1939-1944) delega ao latim – *bandaria*; Ferreira (1975), ao gótico – *badwa*; Aulete denota possibilidades da unidade lexical ser oriunda do gótico *bandwo*, mas de ter chegado até a língua portuguesa via o castelhano *bandera*.

Ainda que os acervos apresentem origens diversas, diante de sua comparação podemos inferir que a raiz da unidade lexical advém da família linguística indo-europeia, podendo variar entre as subdivisões germânicas (gótico e alemão) e românicas (latim, e seus derivados francês italiano, castelhano) (DUBOIS et al., 2006).

Saindo do perímetro morfolexical, seguimos para a gama de significados que a unidade lexical *bandeira* designa. Descrevemos os seus principais *traços semânticos*, “[...] que traduzem as propriedades semânticas em que se pode decompor o seu significado global” (LOPES; RIO-TORTO 2007, p. 20) arrolados durante o cotejo da unidade lexical nos dicionários partindo do significado mais geral e primitivo para os mais específicos. Veja-se abaixo:

Unidade lexical <i>bandeira</i> : propriedades semânticas
[+ símbolo/ representação]
[+/- objeto]
[+ uso figurado/abstrato]
[+ função de agrupar]
[+ unidade de medida]
[+ parte de plantas]
[+ tipo de animal]
[+ contexto histórico]
[+ atitude inadequada]

Quadro 1- Traços semânticos elencados com base nos acervos lexicográficos gerais e parciais consultados.

Salientamos que as propriedades arroladas no quadro procedem da análise dos significados que os dicionários demonstraram com frequência e mantiveram desde o início da diacronia analisada, perpassando pelas três sincronias, obviamente com as alterações sintáticas e ortográficas correspondentes a cada qual.

A estruturação dos verbetes, embora não seja o tema central deste trabalho, não pode deixar de ser mencionada. Nota-se que cada vez mais os autores e organizadores de obras lexicográficas se preocupam em deixar a obra com as características arquetípicas, eliminando as informações enciclopédicas ou sinalizando quando elas serão inseridas.

Convém dizer, também, que algumas das propriedades arroladas correspondem a mais de um significado. O traço [+ unidade de medida], por exemplo, engloba tanto ao “monte de espigas de milho”, apontados por Amaral (1920) e Ortêncio (2009), como também o parâmetro medi-

ção/ quantificação utilizado pelos taxistas, para cobranças conforme a distância percorrida constando em Ferreira (1975) e Aulete (2011).

Devido à extensão da tabela elaborada para o cotejo entre todas as acepções dos acervos selecionados para esta proposta, afigurou-se inviável a sua inserção integral neste trabalho. Conquanto, para demonstração do procedimento de que lançamos mão bem com para o esclarecimento de alguns pormenores que não tenham sido explicados em detalhes, segue listada uma síntese parafraseada dos significados mais recorrentes em todos os acervos:

1. Estandarte que representava uma nação, indo à frente do exército no campo de batalha, geralmente feito de tecido em forma retangular, contendo emblemas e símbolos que remetessem à soberania do país;
2. Pode representar também, em sentido figurado, a conjuntura de ideais e princípios que regem um grupo, agremiação, instituição;
3. Peça de metal, que tem como função diminuir a intensidade da entrada da luz por uma janela;
4. Parte da espiga de milho, uma espécie de pendão, ou ainda das flores da cana-de-açúcar, ramificadas em forma de pedículo;
5. Quantidade de espigas de milho ou dos frutos do cacauzeiro colhidos e amontoados;
6. Grupo de trabalhadores (rurais ou não) ajustados para um único dia de serviço;
7. Estandarte enfeitado contendo a imagem de uma divindade que vai à frente do cortejo em festas religiosas;
8. Peça do taxímetro, que ao ser acionada, inicia a contagem da quantia a ser percorrida;
9. Espécie de peixe;
10. Espécie de mamífero xenartro (tamanduá);
11. Ação, comportamento inadequado para a uma ocasião;
12. Designação dada às expedições de paulistas que, no período do Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XVII, adentraram o país em busca de índios para serem escravizados e de metais preciosos.

Destarte, feita a análise de cada dos semas “traço distintivo relativamente a um conjunto” (POTTIER, 1978, p. 62), percebe-se que o arquisssemema, conjunto dos semas unidos por um traço principal, será no caso da unidade lexical *bandeira*, o de simbolizar/ representar, através de uma conjuntura de elementos concretos ou abstratos a depender da situação, posto que, “*toda significação é relativa*, em um conjunto de experiência segundo as circunstâncias da comunicação” (POTTIER, 1978, p. 63).

3. Para concluir

Após o cumprimento de cada uma das etapas necessárias para a execução de nosso ensejo anunciado no princípio deste artigo, depreendemos que o estudo dos fenômenos linguísticos em qualquer um dos seus níveis, mesmo que em uma pesquisa breve como a que apresentamos restringindo-se a discorrer sobre uma única unidade lexical na perspectiva semântica, em um recorte diacrônico permite mais do que detectar, o que é tão óbvio, como se configura a polissemia de um lexema.

Desta feita confirmamos o nosso intento, que era o de realizar uma investigação linguística, que vislumbrasse mais do que a inserção de cada significado no bojo de um signo, haja vista que, a ampliação do campo conceitual da unidade lexical, também denota as experiências dos falantes da língua que fazem essa inserção e extensão de significados através do tempo.

É assim que se faz pertinente no registro em obras lexicográficas como a de Bluteau, datada do início do século XVIII, a ausência do traço sêmico [+ unidade de medida] no que tange à *bandeira* do taxímetro, afinal, naqueles tempos, o carro ainda estava longe de ser inventado.

Por fim, gostaríamos de frisar a relação entre léxico, cultura, história e a rica possibilidade de estudá-la, tendo como material de observação o que registram os instrumentos lexicográficos que, de certa forma, capturam também a configuração sociocultural de uma comunidade em determinado contexto temporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição organizada por Paulo Geiser. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquiteturas, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Edufms, 2001. p. 131-144.

_____. A ciência da lexicografia. *Alfa*. São Paulo, 28 (supl.), n. 42, p. 1-26, 1984a.

_____. Glossário. *Alfa*. São Paulo, 28 (supl.), n. 42, p. 135-144, 1984b.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário portuguez e latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BORBA, Francisco da Silva. Alterações semânticas. In: _____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 157-299.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 1. ed., 10ª reimpr. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944.

HAENSCH, Günther. Tipologia de las obras lexicográficas. In: ____ et al. (Org.). *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 95-187.

LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. *Semântica*. Lisboa: Caminho, 2007.

MORAIS E SILVA, Antônio de. *Diccionario da lingua portuguesa*: Lisboa: Typographhia Lacerdina, 1813.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo I. Rio de Janeiro: [s.n.], 1955.

ORTÊNCIO, Bariani. *Dicionário do Brasil Central – subsídios à filologia*. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: Kelps, 2009.

POTTIER, Bernard. A análise semântica. In: _____. *Linguística geral: teoria e descrição*. Trad.: Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/Universidade de Santa Úrsula, 1978, p. 58-102.

VILELA, Mario. Notas prévias. In: _____. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994, p. 5-6.